

# Leandro Konder (1936-2014): *Um homem do século 19*

## *Leandro Konder (1936-2014): A 19th Century man*

Entrevista concedida a Beatriz Kushnir\*  
Transcrição Yama Arruda\*\*

O privilégio de frequentar os cursos do professor Leandro Konder era e é um “troféu” acalentado pelos alunos de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tive esta oportunidade quando, na segunda metade da década de 1980, fui sua aluna, ainda no prédio amarelo do Valonguinho, onde ficava o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF), em Niterói. Suas aulas, à noite, para se ler Walter Benjamin, ficavam lotadas, uma fauna de gente literalmente deitada no chão da sala.

Mais de uma década depois, ele já estava aposentado na UFF e ainda atuava na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), enquanto eu fazia a minha tese de doutoramento em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (sobre o tema, ver: <http://caesdeguarda-jornalistasecensores.blogspot.com.br/>). Buscando uma forma de conversarmos, telefonei-lhe e fiz um longo prólogo, explicando quem me dera o seu número, quando fui interrompida por sua frase: “Bia, você foi minha aluna. Eu sei quem você é!”

E assim nos encontramos dias depois, em 10/08/1998, de forma muito serena, marca dele nos alunos. Os sinais da doença que o levaria uma década e meia mais tarde, o Mal de Parkinson, já apareciam, e me apressei em direção às cadeiras para ajudá-lo, quando fui interrompida. “Bia, eu sou um homem do século 19. Aqui, quem pega a cadeira sou eu”.

Nossa conversa foi pontuada pelas dúvidas que me surgiram após ler a reedição do romance de Carlos Heitor Cony *Pessach: a Travessia* (São Paulo, Companhia das Letras, 1997), e sobre o qual eu escrevia um artigo<sup>1</sup>. Este buscava mapear os debates e as polêmicas que a obra gerou quando das suas três edições (1967, 1975 e 1997), e que me levam a concluir que no interior das discussões se travava uma *disputa de memória*, vislumbrada quando veio a público a primeira edição do livro, em 1967, e reacesa na nova publicação, lançada em 1997.

---

\* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), professora-colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Autora, entre outros, do livro *Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988* (Boitempo/FAPESP, 2004).

\*\* Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em um hiato de trinta anos, constatou-se que o tempo guardou – e ainda guarda – feridas que, como demonstraram os debates na época da reedição, estão longe da cicatrização. Nem memorialista, nem ideologicamente vinculado às narrativas da guerrilha, nem às teias militantes das esquerdas daquele tempo passado, ainda tão presente. A análise do (controverso) romance de Cony e toda a sua (tortuosa) trajetória podem auxiliar na reflexão sobre uma história intelectual e nas tramas da sociabilidade de uma geração por outro foco.

Nesse sentido, debruçar sobre uma determinada obra de um escritor não engajado me auxiliou a refletir sobre como a história de um livro, e não só a narrativa contida no seu interior, é uma chave para se compreender o que ainda é uma ferida aberta trinta anos depois. Cony, talvez respondendo às inúmeras críticas ao seu livro *Pessach* e à sua escolha por escrever sobre um tema que lhe atribuíram não dominar, publicou, na sequência, outro trabalho, intitulado *Romance sem palavras* (São Paulo, Companhia das Letras, 1999), no qual retorna aos anos 1960 e às experiências de tortura. Agora, três personagens, no presente, expõem seus fantasmas e suas dores.

Depois desse encontro com Konder para conversar sobre Cony, ficamos longos anos sem nos falar. Aos sábados, a partir de julho de 2002, passei a ler suas crônicas nas páginas ainda impressas do *JB*. Recordo-me de que, em algum momento, uma delas tocava no tema dos currículos dos políticos, que eram apresentados de forma manipulada, muitas vezes para engrandecê-los.

Crítica do uso manipulado do *Lattes* em muitos concursos públicos, escrevi-lhe um e-mail um tanto disparatado, comentando que, na Academia, a prática pontuada no universo da política também era utilizada. Algumas horas depois, chegou-me uma doce e lúcida resposta, buscando consolar-me, ao mesmo tempo em que reavaliava as suas afirmações impressas. Pena que nessas inúmeras transformações de Tecnologia da Informação (T.I.) perdi esta bela correspondência...

Ao saber de sua morte, em 12/11/2014, aos 78 anos, lembrei-me desta entrevista. Transcrita por Yama Arruda, a quem agradeço, levo-a a público como uma distinção a este professor, intelectual e militante que marcou e marcará gerações. Aqui, um pouco do ser humano absolutamente discreto e irônico que, por breves *flashes*, se deixou desvelar.

*Beatriz Kushnir*

The privilege of attending the courses of Professor Leandro Konder was and still are a “trophy” cherished by History students of Federal Fluminense University (UFF). I had this opportunity when in the second half of the 1980’s, I was his student, still in yellow Valonguinho building, where was the Institute of Human Sciences and Philosophy (ICHP), in Niterói City. Their classes, at night, to read Walter Benjamin, were full of people, a fauna of people literally lying on the room floor.

More than a decade later, he was already retired at UFF and he also worked at Pontifical Catholic University (PUC-Rio), while I did my doctoral thesis in History at Campinas State University (UNICAMP) (about the theme, see: <http://caesdeguarda-jornalistasecensores.blogspot.com.br/>). Seeking a way to talk, I called him and I did a long prologue explaining who gave me his number, when I was interrupted by his sentence “Bia, you were my student. I know who you are!”.

And so we gather days later, in August 10, 1998, very peacefully, how students remember him. The signs of the disease that would take him away a decade and a half later, Parkinson’s Disease, have appeared already and I hurried toward the chairs to help him, when I was interrupted. “Bia. I’m a 19th century man. Who takes the chair here, It’s me.

Our conversation was punctuated by the doubts that arose me after reading a new edition of the Carlos Heitor Cony’s novel *Pessach: the Crossing* (São Paulo, Companhia das Letras Press, 1997), and about which I wrote an article<sup>2</sup>. This paper intended to map the debates and the controversies produced at the time of its three editions (1967, 1975 e 1997) and which lead me to conclude that inside the discussions, there was a *memory dispute*, arising when the first edition appeared, in 1967, and reappeared in the new publication, in 1997.

In a hiatus of thirty years, it was found that the time saved – and still save - wounds that are far from healing, how demonstrate the debates at the time of reissue. Nor memoirist, or ideologically linked to guerrilla narratives, or to the webs of left militants that last time, still so presente. The analysis of the (controversial) novel of Cony and all his (tortuous) trajectory can assist in the consideration of an intellectual history and the plots of sociability from one generation by another focus.

In this sense, dwell on a particular work of a writer not engaged helped me to reflect about how the history of a book, and not only the narrative contained inside, It can be a key to understanding what is still an open wound thirty years later. Cony, perhaps responding to numerous criticisms of his book *Pessach* and your choice by writing about a theme that some people said he did dominate, published in sequence another work, titled *Romance without words* (São Paulo, Companhia das Letras Press, 1999), in which he returns to the 1960s and his torture experiments. Now, three characters, in the present, exposes their ghosts and their pains.

After this meeting with Konder to talk about Cony, we were many years without telling us. Os Saturdays, from July 2002, I started to read his chronicles even printed in the *JB* pages.

I remember that, at once, one of them touched on the theme of curriculum of politicians, which were presented in a manipulated form, oftentimes to magnify them.

As critical of the handling of the *Lattes* in many public contests, I wrote him an email a little silly, commenting that, at the Academy, politics was also used. Some hours later, He got me a sweet and lucid answer, seeking comfort me while he performed his printed statements. Too bad I lost these beautiful letters in one of many changes of Information Technology (I.T.) ....

Upon learning of his death, in November 12, 2014, when he was 78, I remembered this interview. Transcribed by Yama Arruda, whom I thank, I take it to the public as a distinction to this professor, intellectual and militant who taught and will teach many generations. Here, a little bit of an absolutely discreet and ironic man that, by brief flashes, he let himself reveal.

*Beatriz Kushnir*

**Leandro Konder:** Eu era membro do Comitê Cultural do Partido [Comunista Brasileiro (PCB)]<sup>3</sup>, participava das reuniões, como também participava o Ferreira Gullar<sup>4</sup>. Quando um determinado companheiro foi preso com todo o material em casa, nós fizemos uma reunião de emergência, percebemos que a situação era muito grave, e que todos iríamos ser chamados a depor e eventualmente presos. Então, nossa preocupação foi com o Ferreira Gullar, que tinha sido eleito, designado membro da Direção do partido no Estado<sup>5</sup>.

Beatriz Kushnir: Foi depois do 6º Congresso<sup>6</sup>?

**Leandro Konder:** Foi em setembro. Final de setembro. Nossa preocupação foi avisar ao Gullar o que estava acontecendo para protegê-lo. E aí a indicação era que ele se escondesse, passasse à clandestinidade. O que, para ele, foi uma catástrofe. Ele tinha uma vida legal, era um militante que atuava na legalidade, e ia ter que passar à clandestinidade. Ele conta tudo nesse livro dele que foi publicado agora, que começa com essa passagem dele para a clandestinidade e depois a vida dele, que foi fazer um curso em Moscou mandado pela Direção, e depois Buenos Aires, Santiago do Chile<sup>7</sup>. O Gullar foi eleito para a Direção Estadual, mas nunca chegou a participar da Direção Estadual, de uma reunião da Direção Estadual, mas ficou o estigma.

Beatriz Kushnir: Mas ele foi eleito pelo nome, pela figura, por quê?

**Leandro Konder:** Ele foi eleito porque tinha uma inteligência política muito grande, ele se destacava, ele tinha uma certa liderança, era uma pessoa muito lúcida.

Beatriz Kushnir: Além dele e de você, quem mais participava do Comitê Cultural?

**Leandro Konder:** Olha, eu não sei até hoje se todas as pessoas concordam que seus nomes apareçam. Então eu vou me limitar a dizer os nomes de alguns que eu sei que não têm “grilo”: Dias Gomes<sup>8</sup>, Alex Viany<sup>9</sup>. Na parte de cinema, nós tínhamos o Leon Hirszman<sup>10</sup>, que era também uma liderança muito acentuada; Alex Viany, que era um velho companheiro experiente; e o Joaquim Pedro de Andrade<sup>11</sup>. Num dado momento, tivemos muita gente, era forte na área do cinema, na área do teatro. E, na verdade, nunca tomou nenhuma decisão relativa à avaliação de obra nenhuma de ninguém, atividade de uma pessoa. A nossa concepção era que o Comitê Cultural seria um lugar de coordenação, de concatenação de movimentos que não passavam pela criação cultural, passavam pela ação política. Na hora de coordenar as ações políticas diferenciadas, nós desempenharíamos um papel, essa era a nossa concepção. Pelo que eu me lembro, uma ou outra vez as opiniões pessoais – “tal livro achei fraco”. Nunca houve discussão. A ideia... Eu acho que a pessoa que conhece o Partido Comunista através de livros, de relatos, da história de alguns momentos da militância comunista, das atividades comunistas em outros países, em outras épocas, fica muito marcada por isso, e isso alimenta uma certa paranoia.

Beatriz Kushnir: Isso que acontece em relação ao Carlos Heitor Cony<sup>12</sup>?

**Leandro Konder:** Eu acho que o Cony, por nunca ter sido de um partido, ele projeta alguns fantasmas dele na militância do partido. Possivelmente, até em alguns momentos, em alguns lugares, existiram fatos terríveis que alimentam essa paranoia. No caso do Rio de Janeiro, do Comitê Cultural do Rio de Janeiro, eu posso te garantir que nós fizemos bobagens, análises políticas absolutamente equivocadas, mas em nenhum momento nós fomos *stalinianos*.

Beatriz Kushnir: E quanto às decisões do 6º Congresso, como você se posicionou?

**Leandro Konder:** A gente tinha, eu pessoalmente, que era muito ligado a um companheiro, Armínio Guedes, que é um jornalista baiano, uma figura maravilhosa, hoje muito cético, mas que na época dizia o seguinte: um certo nacionalismo aceitável para o centro do movimento comunista, porque era antiamericano, anti-imperialista. Ele nos ajuda criando condições favoráveis na luta pela democratização do partido. Então, a nossa ideia era que a questão democrática, que era a questão essencial, dependia de um aproveitamento da questão nacional que estava formulada de uma maneira que hoje nós sabemos que é bastante limitada, mas que na época era conveniente. Então, nesse sentido, eu achei que o congresso era um avanço. Por outro lado, nós estávamos convencidos de que a luta armada era um beco sem saída. Também tinha esse lado, porque o partido era, das organizações revolucionárias de esquerda, a mais experiente, a mais antiga; e aquela que percebia com mais clareza a inviabilidade da luta armada. O que não quer dizer que nós estávamos certos e os outros estavam errados. No erro dos outros havia uma iniciativa que ia além da nossa falta de iniciativa, mas eu acho que nós errávamos porque a nossa lucidez nos paralisava. Então, não era uma lucidez efetiva.

Beatriz Kushnir: O que fica do livro do Cony [*Pessach: a Travessia*] é como se fosse uma denúncia ao PCB, que, além de ser contra a luta armada, teria lutado contra ela. No livro, as pessoas que morreram no final tiveram tal trajetória porque, para o autor, houve uma traição do partido.

**Leandro Konder:** Eu não sei se houve militantes, eu não sei de casos de militantes que possam ter entrado em conflito agudo com os revolucionários que optaram pelos caminhos da luta armada. Que eu me lembre, no Comitê Cultural, onde eu militava, ninguém foi intolerante. Fora do comitê, o Armínio Guedes também é uma pessoa que sempre teve relações pessoais muito boas com revolucionários que seguiram a luta armada. São pessoas de quem ele divergia, com quem ele discutia até veementemente, mas que gostam dele, reconhecem que ele foi um interlocutor respeitoso, apaixonado, mas correto. Eu sei de vários casos de pessoas que, contrariando uma indicação da Direção Nacional, protegeram perseguidos da luta armada. Eu mesmo, em dado momento, não por motivos de solidariedade

política, mas por motivos de solidariedade humana, acolhi refugiados e ajudei a esconder perseguidos. No dia seguinte, com pessoas com quem eu tinha uma relação pessoal mais íntima, eu disse: “Pelo amor de Deus, não me mete numa fria dessas. Eu posso ser preso como comunista pela minha militância, mas não posso ser preso como terrorista, porque isso aí vai complicar tudo.” As pessoas foram muito corretas comigo, e eu procurei ser correto com elas. Mesmo os que foram presos me preservaram. A minha impressão é que o Cony deve ter tido alguns contatos que se baseiam muito em impressões, imagens, um artista, um ficcionista. Então, ele deve ter tido alguns contatos humanos desagradáveis com comunistas, e com isso se consolidou, se cristalizou nele uma visão hiper crítica do partido com alguns toques dessa fantasia persecutória que é muito comum em pessoas que conhecem os comunistas através de fragmentos. Que eu me lembre, o Ferreira Gullar gostava muito do Cony pessoalmente. Eles tinham divergências, mas na época do prestígio máximo do Cony, ele foi uma figura muito importante.

Beatriz Kushnir: Pelas crônicas que ele publicou no *Correio da Manhã* logo após o golpe de 1964 e que depois seriam reunidas e publicadas no livro *O ato e o fato*?

**Leandro Konder:** Naquele momento, uma boa parte da esquerda, se não brasileira, carioca, acordava cedo para ir ler o Cony. Nessa época, o Cony recebeu ajuda concreta, efetiva, prática, de Ferreira Gullar. Então, o Ferreira Gullar criticava, divergia dele, mas, ao mesmo tempo, tinha um carinho por ele como amigo. Outras pessoas do comitê nunca se manifestaram em relação a ele. E outra pessoa que não era do comitê, porque tinha uma situação especial, era o Ênio Silveira<sup>13</sup>. Nós sabíamos que ele era do partido, mas ele preservava certa autonomia para poder gerir, dirigir a editora que era dele, não do partido. Ele era um cara de partido. O Ênio gostava do Cony, ele era editor do Cony, admirador do Cony. Ele me chamou para fazer a resenha, e eu cheguei a conversar com o Cony sobre a minha opinião antes de fazer a resenha. Ele disse: “Foi o que eu pensei. Escreve isso?” Eu disse: “Escrevo”.

Beatriz Kushnir: É muito interessante o texto da orelha de *Pessach: a Travessia*, porque se divide em duas partes, como o livro. Por que, como você diz, a primeira parte é uma das partes mais bonitas?

**Leandro Konder:** Um dos pontos altos da obra dele até então. A outra parte é uma aventura, não é que eu seja contra, acho que isso até mostra uma certa vitalidade, a busca por novos caminhos para a criatividade é sempre bom para um escritor. Agora, ao mesmo tempo, corre o risco de trabalhar uma matéria que ele não domina, com a qual ele não está tão familiarizado.

Beatriz Kushnir: Então, de certa maneira, você concorda com a opinião do Daniel Aarão Reis, que, ao analisar a temática desenvolvida em *Pessach: a Travessia*, conclui que o que empobrece a obra de Carlos Heitor Cony é que o autor se debruçou sobre uma matéria que não viveu?

**Leandro Konder:** É, eu acho que isso criou determinadas limitações que ele não conseguiu superar. Eu não acho que exista. Nem sempre que ser formulada uma crítica deve haver uma espécie de proibição: “não enverede por um caminho como esse!” Eu acho que um escritor tem direito de enveredar.

Beatriz Kushnir: Ainda mais sendo ficcional.

**Leandro Konder:** Pois é, ficcional vai fundo. Agora, nós temos o direito de dizer. Na ocasião em que saiu essa minha orelha no livro, o Néelson Werneck Sodré, na *Revista da Civilização [Brasileira]*, comentou o evento. “Uma orelha que formula algumas dúvidas, uma coisa que honra o autor do livro, que concordou com a publicação da orelha, e o *orelhador*, que foi franco e ao mesmo tempo foi simpático ao livro”. Então, foi uma coisa interessante, eu gostei de ter feito a orelha, me senti inteiramente sincero<sup>14</sup>.

Beatriz Kushnir: Quantos anos você tinha quando escreveu essa orelha? Essa orelha é de 1967.

**Leandro Konder:** Em 1967, eu tinha 31.

Beatriz Kushnir: E você trabalhava na época já dando aulas ou não?

**Leandro Konder:** Não. Eu era funcionário público do Estado do Rio de Janeiro. Isso é outra história engraçada, porque, em 1964, o Governador [do Estado da Guanabara] era Carlos Lacerda<sup>15</sup>, e eu era assistente jurídico da Procuradoria do Estado. O Procurador [Geral] era o Doutor Eugênio Vasconcelos Sigaud, que era um lacerdista apaixonado, e poucos dias depois do golpe, 2, 3 de abril, eu recebi um recado: “Fica tranquilo que não vai acontecer nada com você”. Havia uma caça às bruxas, foi ótimo. Até foi engraçado porque depois ele mudou, para fazer alguma coisa, o sistema de horário dos procuradores. Os procuradores tinham liberdade de horário e produziam pouco. Para mostrar serviço, ele fixou um quadro com os horários para os procuradores, os assistentes jurídicos foram esquecidos. Aí eu me lembro de uma história ótima: eu estava conversando com um Procurador do Estado, uma figura deliciosa que era o Otto Lara Resende<sup>16</sup>, e de repente aparece um daqueles procuradores nervosos: “Otto, você já leu a nova portaria do Doutor Sigaud?”. Tinha sete páginas. Aí o Otto olhou para ele e disse: “Não li Dante, Petrarca, ainda não tive tempo de ler os clássicos, você acha que eu vou ler uma portaria do Doutor Sigaud?”. Eu me lembro disso até hoje, foi uma das maiores gargalhadas que eu me lembro de ter dado.

Beatriz Kushnir: Por que quando reeditam *Pessach* em 1975 o seu texto da sua orelha sai?

**Leandro Konder:** Não sei, eu estava fora do Brasil, na Alemanha.

Beatriz Kushnir: O Ênio Silveira não te consultou?

**Leandro Konder:** Não; desde a primeira edição, uma das pessoas entusiasmadas pelo livro era o Paulo Francis<sup>17</sup>, que via o livro como uma espécie de visão antecipada da tragédia da luta armada. O livro era premonitório, segundo o Francis. Então, o Ênio deve ter achado que a fala do Francis era mais adequada que a minha para aquele momento.

Beatriz Kushnir: Você tomou conhecimento das matérias publicadas quando da última edição do livro? Há uma, do Ruy Castro, que questiona a reedição de *Pessach* em 1975 já que, segundo ele, a edição de 1967 estava em todos os sebos no Rio e ainda sem manuseio. Você tem ideia de por que essas coisas aconteceram?<sup>18</sup>

**Leandro Konder:** Não tenho ideia.

Beatriz Kushnir: Agora, essa terceira edição, você e o Ferreira Gullar chegaram a conversar sobre?

**Leandro Konder:** Não. Eu não tenho tido nenhum contato com o Ferreira Gullar, a não ser eventual. Agora, quando ele lançou o livro, eu fui comprar no lançamento, ele foi muito afetuoso, me abraçou muito. Ele fala de mim no livro como o cara que deu o recado, abriu a história como um primo-irmão. Eu mantive contato com ele por correspondência, mas depois que eu voltei ao Brasil, já ao longo dos anos de 1980 e dos anos de 1990, nos últimos 20 anos, praticamente o meu contato com ele é absolutamente esporádico e sem conversa. Porque eu segui um caminho político, e ele seguiu outro. Ele tem uma visão muito crítica do PT, e eu sou petista<sup>19</sup>. É uma coisa delicada. Acho que é até uma maneira de preservar o vínculo, a relação. Mas, então, não tenho ideia do que se passa com ele, no íntimo dele. Fiquei meio impressionado quando ele saiu, quando o Weffort o removeu da Funarte e ele abriu fogo contra o Weffort, acusando-o de ser um petista no atual governo. “Eu votei no Fernando Henrique e ele era PT, e agora ele que está me mandando e me mandando embora”. E o Weffort, a meu ver, teve uma clara opção de abandono ao PT e de conversão ao Fernando Henrique Cardoso. Acho que o Gullar foi meio preconceituoso quando considerou o Weffort uma encarnação do espírito petista demoníaco.

Beatriz Kushnir: O Cony alega que o Ferreira Gullar credita à “turma do partido” a venda de seus livros. Seria uma deferência às crônicas do Cony no *Correio da Manhã*, como um agrado. Por esta fala de Gullar, Cony acredita que teve uma venda de livros artificial. Assim, pondera que, ao mesmo tempo que a “turma”, como ele chama, poderia começar a comprar, poderia parar de comprar. É verdadeiro? Falso? Você acha que é um exagero? Por que você acha

que há tanta mágoa? Até quando o Cony escreveu um artigo chamando o Comitê Cultural do PCB de SNI [Serviço Nacional de Informações] às avessas tem tanta mágoa, tanta dor? Cony escreve *Pessach*, escreve *Pilatos*, e depois fica 21 anos sem escrever. Acredito que ele não opta por sair. Ao voltar de uma viagem a Cuba, em 1968, Cony não tem mais emprego na imprensa. O único que lhe abriu as portas foi o Adolpho Bloch. Percebi que isso deixou uma mágoa nele muito forte. Muitas vezes, ele demarca que parou de escrever por 21 anos. Mas ele sublinha que não foi ele que parou. Pararam com ele.

**Leandro Konder:** Pode ser. Eu ouvi dizer que há muito essa ideia de que o partido tinha um poder muito grande na imprensa, que não é absurda, porque eu conheço alguns jornalistas do partido que contam coisas que eu não sabia. De articulações nas redações, manobras.

Beatriz Kushnir: Tinha jornalistas do partido em pontos-chaves da imprensa, daí uma brincadeira do Nelson Rodrigues de que saía qualquer coisa nesse país com o aval do partido. Um certo exagero?

**Leandro Konder:** Eu também acho, talvez haja aí um caso de manifestação de uma fantasia persecutória. Eu sei que havia esse poder, mas que esse poder era limitado. Quem manda nas redações, quem manda nos jornais, não são os prepostos. Tem um momento em que entra um sujeito e diz: “O dono do jornal disse isso”. Agora eu não sei de onde vem o negócio da mágoa. Eu procuro não me envolver muito, porque a mágoa é má conselheira. Se a mágoa se infiltra no sentimento da gente, a gente começa a ter dificuldade de avaliar com o mínimo de equilíbrio, de isenção; as coisas, e eu temo cometer injustiças em relação a pessoas que eu admiro. Cony é uma pessoa que segue um caminho, uma visão política que não é a minha, mas, ao mesmo tempo, é um escritor que eu respeito, uma pessoa que eu considero íntima. Então, independentemente; dessas fantasias conceituais, eu procuro me preservar de qualquer movimento de impaciência com ele. Eu acho que intelectuais e artistas são pessoas complicadas por definição, a gente tem que aceitá-los na complicação deles. Então, eu não sei de onde vêm essas coisas. Nos anos de 1970, como isso funcionava? Como era a atividade do partido? Passei os anos de 1970 praticamente fora do país. Desde 1972 eu já estava na Alemanha, voltei em 1979.

Beatriz Kushnir: Você volta com a Anistia.

**Leandro Konder:** Eu voltei em 1978, antes da Anistia, mas a gente já sabia que a Anistia ia vir. Aí já é outro problema de luta interna. Havia uma turma mais cética, mais desconfiada, e havia uma turma mais ousada que dizia: “Vamos aproveitar a Abertura. É de cima para baixo, está sob o controle do Estado, mas ela corresponde a uma pressão da sociedade, ela não é uma manobra demoníaca”. Alguns companheiros diziam: “É uma manobra demoníaca para que nós nos exponhamos”. A discussão se dava muito em torno do jornal legal *A Voz da Unidade*, que nasceu de uma certa luta na qual esse setor democrático mais ousado venceu

o setor mais conservador entre aspas, mais ligado a uma certa dinâmica da máquina, do aparelho.

Beatriz Kushnir: Quando você volta, você não volta mais ligado ao PCB.

**Leandro Konder:** Volto ligado ao partido. Nós voltamos, Carlos Néelson Coutinho, Milton Temer e eu, ligados ao partido. O único que chegou aqui e ao entrar em contato com a realidade do partido imediatamente percebeu que não era a dele foi o Milton Temer. Saiu imediatamente. O Carlos Néelson e eu ainda resistimos um pouco, eu até resisti mais. Ainda fui membro da sucursal d'A *Voz da Unidade* aqui no Rio. Depois, quando acabaram com o jornal, eles tomaram a direção do jornal [e] nos expulsaram da sucursal, nos forçaram a saída da sucursal, eu fui para a base ainda, a base em Ipanema. Engraçadíssimo, divertidíssimo, mas aí já era fim de festa. Eu fiquei até 1982, meu último ato no partido foi participar da comemoração dos 60 anos do partido na ABI [Associação Brasileira de Imprensa].

Beatriz Kushnir: Você publicou livros no período antes de ir para o exílio.

**Leandro Konder:** Publiquei.

Beatriz Kushnir: E teve problemas com a censura?

**Leandro Konder:** Não. Eu tive problemas. Segundo me contou o Ênio, exemplares do meu primeiro livro, *Marxismo e alienação*, teriam sido confiscados em alguns lugares, em algumas livrarias e postos de revenda. *Marxismo e alienação* se chamava o de 1965. Aí o Ênio, que era o editor, contou que houve apreensões, que estava entrando na Justiça.

Beatriz Kushnir: Você escrevia para jornais nessa época?

**Leandro Konder:** Escrevia.

Beatriz Kushnir: E nunca uma matéria foi censurada.

**Leandro Konder:** Não, eu escrevia para um jornal nosso, que era a *Folha da Semana*, e para o *Correio da Manhã*, com um pseudônimo.

Beatriz Kushnir: Por saber que talvez...

**Leandro Konder:** Não, para não expor o *Correio da Manhã*, que estava sobre pressão. Botar um comunista ali era meio complicado.

Beatriz Kushnir: E qual era o pseudônimo que você usava?

**Leandro Konder:** Leonardo Kramer, mantinha o L e o K. Eu e o Fernando Peixoto, companheiro de teatro, que era do partido também. O Fernando falava: "Vamos escrever sobre bichos. O elefante". Aí eu fazia sobre o hipopótamo. Fazíamos umas coisas assim meio

brincalhonas. E na *Folha da Semana*, que era um jornal semanal do partido, que durou um ano e meio, se eu não me engano, eu era o editor cultural. O jornal estava falindo, nós tínhamos uma reunião dramática marcada para decidir o que fazer, o jornal ia acabar, mas a Marinha ocupou militarmente a sede do jornal e nos permitiu uma morte com honra.

Beatriz Kushnir: Antes que vocês acabassem sozinhos, eles vieram e...

**Leandro Konder:** Exatamente. Te confesso que houve até um certo alívio.

Beatriz Kushnir: Você se lembra de alguma história da censura? Da relação dos censores com os jornais ou com a Editora Civilização Brasileira?

**Leandro Konder:** Não, tudo que eu sei é de ouvir dizer, de ler também. Na época, era muito difícil, eles não se expunham muito, eu acho até ótimo agora que digam o que se passava na cabeça deles. Eu nunca entendi direito. Essa história de encenação do Teatro Opinião, por exemplo, encenação que era o que os caras iam lá e viam. Histórias d'*O Pasquim* também, o Sérgio Cabral conta histórias divertidíssimas de diálogos com os censores.

Beatriz Kushnir: Eu entrevistei uma censora que atuou n'*O Pasquim*. Já na Abertura, o Ziraldo tentando protegê-la numa entrevista. Não disse o seu nome e contou ter-lhe enviado um cartão na primeira vez que foi à Europa. Enviou o Davi, de Michelangelo, e escreveu: "Estou te mandando o Davi de costas porque, se eu mandar de frente, você vai censurar". Ao comentar o fato e sem saber, ela puxou o cartão e falou: "Sou eu, sou a censora d'*O Pasquim*, e foi para mim que ele mandou". Ziraldo não disse o nome dela, mas esses funcionários têm uma necessidade, hoje em dia, de falar. Às vezes, quando me dão entrevistas, querem diminuir um pouco as suas atuações, ou ridicularizar a situação para amolecer suas atuações.

**Leandro Konder:** Essa coisa de memória é engraçada.

Beatriz Kushnir: No tema enfrentado por Cony no romance, creio, estabeleceu-se uma disputa de memória. Uma querela entre o Cony e o Ferreira Gullar. Que memória se consolidará desses anos de 1960? Que visão construiremos dos anos de 1960? Cony acusando o Gullar de censor, e o Gullar, de certa maneira, acusando o Cony de fantasioso. Mas ali tem uma disputa. Uma disputa de que passado a gente vai construir.

**Leandro Konder:** É verdade. A construção de uma imagem cristalizada do passado.

Beatriz Kushnir: É, que ninguém quer mexer muito. Bom, eu te agradeço.

**Leandro Konder:** Na parte da censura, meu depoimento a você é praticamente inútil, eu não testemunhei.

Beatriz Kushnir: Mas eu acho que, basicamente, o que você quer dizer é que não havia censura no Comitê Cultural.

**Leandro Konder:** Ah, sim. Isso eu posso te garantir, enquanto eu estive no Comitê Cultural, eu nunca vi. Inclusive um episódio...

Beatriz Kushnir: Pode-se dizer que havia uma confusão entre a crítica que vocês faziam a determinados livros, filmes ou peças com uma noção de que havia uma censura?

**Leandro Konder:** É possível que algumas pessoas tenham dito em público determinadas coisas que passaram a imagem de que era uma visão do Comitê Cultural. Mas o que eu acho mais importante, isso eu acho que é mais ou menos universal, ninguém gosta de ser criticado, mas a coisa de dizer a opinião pessoal de alguém em público, se a pessoa é do Comitê Cultural, poderia ser vista como uma posição do comitê. Eu me lembro bem disso, nunca o comitê como tal avaliou coisa alguma. Houve uma vez um episódio de um sujeito que foi a uma reunião do comitê e que não era do comitê, era da Direção do partido, e nos advertiu quanto a um determinado intelectual. Houve uma reação muito positiva, especialmente da parte do Dias Gomes, mas com o apoio, o respaldo de todos os outros.

“Dias Gomes disse: – Esse sujeito é um chato de galocha, mas esta sua informação tem que ser acolhida com dúvidas.

O sujeito retrucou: – Não, mas isso é sabido. Eu tenho provas.

E Dias Gomes inquiriu: – Então, mostre as provas.

– Não se podem mostrar as provas de uma pessoa ligada ao aparelho de repressão.

– Mas ligada como? Já foi vista uma carteirinha?

– Que carteirinha? Alguém ligado ao aparelho de repressão da esquerda vai ter carteirinha? Que maluquice é essa?

Eu sei que houve uma reação do Dias Gomes, que liderou o movimento, e disse:

– Isso é uma coisa muito perigosa, queima o cara, às vezes é uma grande injustiça. Eu, pessoalmente, o acho chatíssimo, evito-o pela chatice. Agora tentar caracterizá-lo como uma pessoa ligada ao aparelho de repressão é uma acusação muito grave.

– Não, não. Eu estou só prevenindo”.

Beatriz Kushnir: Um clima de conspiração dos dois lados.

**Leandro Konder:** Dos dois lados. Esse cidadão, por acaso, esse que era apontado como ligado ao aparelho de repressão, pegou cadeia, coitado.

Beatriz Kushnir: Por causa disso?

**Leandro Konder:** Não, porque ele era subversivo.

Beatriz Kushnir: Você não pode dizer o nome.

**Leandro Konder:** Posso. Era o Moniz Bandeira<sup>20</sup>. De repente, ele foi processado pela Marinha, eu estava em uma auditoria e ele estava em outra. Eu ainda escapei, fui absolvido depois de um tempo, mas ele foi condenado. Ele era muito chato, mas não era um agente.

## Notas

<sup>1</sup> O livro de Carlos Heitor Cony, *Pessach: a Travessia*, é seu oitavo romance, e foi publicado em 1967 e 1975 pela Editora Civilização Brasileira, e em 1997 pela Companhia das Letras. Uma reflexão sobre o seu significado e outras questões acerca desse autor estão em: KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas – a travessia de Cony e a censura no partidão”, In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.), *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

<sup>2</sup>The book of Carlos Heitor Cony, *Pessach: the Crossing*, is his eighth novel and it was published in 1967 and 1975 by Civilização Brasileira Press, and in 1997 by Companhia das Letras Press. A reflection on their meaning and other questions about this author are in: KUSHNIR, Beatriz. “Depor as armas – a travessia de Cony e a censura no partidão”, In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.), *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

<sup>3</sup> Leandro Konder nasceu em 1935, na cidade de Petrópolis, Estado do RJ. Aos 15 anos, vinculou-se à União da Juventude Comunista, permanecendo no PCB até 1982. Em 1989, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), do qual se desligou para fundar, junto com outros dissidentes, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Publicou cerca de trinta livros, centrados na temática do marxismo. Formou-se em Direito em 1958. Trabalhou com revisões e traduções encomendadas pela Editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira.

Colaborou com as publicações vinculadas ao PCB, em particular com a Revista *Estudos Sociais*, fundada por Astrogildo Pereira, em que conheceu Carlos Nelson Coutinho, seu grande amigo e parceiro intelectual.

Em 1969, na esteira do Ato Institucional nº 5 (AI-5), foi preso e torturado. Em 1972, partiu para o exílio na Alemanha. De volta ao Brasil, em 1978, lecionou no Colégio Bennett, no Departamento de História da UFF e no de Educação da PUC-Rio. Doutou-se em Filosofia, na UFRJ, em 1987.

<sup>4</sup> Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, nasceu em São Luís, no Maranhão, em 10/09/1930. É poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro, além de um dos fundadores do neoconcretismo. Foi o postulante da cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras (ABL), na vaga deixada por Ivan Junqueira, na qual tomou posse em 5/12/2014.

<sup>5</sup> A importância do Comitê Cultural do PCB advém do poder aglutinador e das figuras de expressão na política e na cultura que ali gravitavam em graus de permanência variados. Torna-se mais singular a proeminência dos nomes que ali circularam, tendo o Partido vivido longos períodos na clandestinidade.

<sup>6</sup> O PCB reuniu-se em São Paulo, em dezembro de 1967, pouco mais de três anos após o golpe civil-militar de 1964, e realizou seu 6º Congresso Nacional. Buscando recompor-se, o partido definiu uma linha de ação antiditatorial centrada na recusa de quaisquer propostas que não envolvessem ações políticas de massas e as várias formas de luta armada. Tal decisão custou ao PCB a perda de importantes dirigentes, como Carlos Marighela, Mário Alves, Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho, entre tantos outros.

<sup>7</sup> GULLAR, Ferreira. *Rabo de foguete: os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

<sup>8</sup> Alfredo de Freitas Dias Gomes nasceu em Salvador, em 19/10/1922, e faleceu num acidente de carro, em São Paulo, em 18/5/1999. Foi romancista, dramaturgo, autor de telenovelas e membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>9</sup> Almiro Viviani Fialho era carioca, cineasta, produtor, roteirista, autor, jornalista e ator. É autor do livro *Introdução ao Cinema Brasileiro* (1959), tido como a primeira obra de filmografia brasileira. Trabalhou no jornal *Diário da Noite*, e em 1945 se mudou para Los Angeles, a fim de trabalhar como correspondente em Hollywood da Revista *O Cruzeiro*.

<sup>10</sup> Leon Hirszman era carioca, nascido em 22/11/1937. Cineasta, foi um dos expoentes do Cinema Novo, e faleceu em 15/09/1987.

<sup>11</sup> Joaquim Pedro de Andrade era filho de Rodrigo Melo Franco de Andrade, um dos fundadores do IPHAN. Carioca, o cineasta, nasceu em 25/05/1932, e morreu vítima de câncer de pulmão aos 56 anos, em 10/9/1988.

<sup>12</sup> Carlos Heitor Cony é carioca, nascido em 14/3/1926, jornalista e escritor, é editorialista da *Folha de S. Paulo* e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2000.

<sup>13</sup> Ênio Silveira, paulista, nascido em 18/11/1925, foi diretor da Editora Civilização Brasileira. Militante do Partido Comunista Brasileiro durante a ditadura civil-militar do pós-1964, editou numerosas publicações de oposição ao regime. Faleceu em 11/1/1996.

<sup>14</sup> Na primeira edição de *Pessach*, em 1967, foi Leandro Konder quem escreveu o texto da orelha do livro. Nela, elogia muitíssimo a obra e diz que “a primeira parte deste livro pode ser incluída entre as melhores páginas da ficção brasileira de todos os tempos”. No entanto, numa reedição deste, em 1975, e na publicação de 1997, a orelha passou a ser escrita por Paulo Francis, que, à época do lançamento, em 1967, comentou com Cony que este livro poderia enterrá-lo. Nos conturbados anos de 1960 e 1970, parece que Francis acertou, momentaneamente, na profecia. Cony deixou a literatura por longos vinte e um anos.

<sup>15</sup> De modo bem resumido, Carlos Frederico Werneck de Lacerda era carioca, nascido em 30/1/1914. Jornalista e político, foi membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947-55) e Governador do Estado da Guanabara (1960-65). Fundador, em 1949, e proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa*, e criador, em 1965, da Editora Nova Fronteira, faleceu em 21/5/1977. Embora cassado no pós-1964, foi um dos conspiradores a favor do golpe civil-militar.

<sup>16</sup> Otto de Oliveira Lara Resende nasceu em 1º/5/1922, em São João del Rei, Minas Gerais. Começou a lecionar francês aos catorze anos, e aos dezoito, passou a trabalhar como jornalista no periódico *O Diário*, de Belo Horizonte, cidade onde se formou em Direito. Em 1967, estreou seu programa *O pequeno mundo de Otto Lara Resende*, na TV Globo, uma participação diária de sessenta segundos durante a qual falava sobre os acontecimentos do dia. Em 1979, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), na cadeira 39. Trabalhava como cronista para o jornal *Folha de S. Paulo* quando faleceu, em 28/12/1992.

<sup>17</sup> Paulo Francis era o pseudônimo de Franz Paul Trannin da Matta Heilborn. Nascido no Rio de Janeiro, em 2/9/1930, faleceu em Nova York, em 4/2/1997. Jornalista, crítico de teatro e escritor, após o golpe de 1964 e durante toda a ditadura trabalhou sobretudo no *O Pasquim* e na *Tribuna da Imprensa*, de Hélio Fernandes – de 1969 a 1976.

<sup>18</sup> CASTRO, Ruy. “Pessach, de Cony, fura um silêncio de 30 anos”, In: *Jornal O Estado de S. Paulo*, 8/3/1997.

<sup>19</sup> Entre o final de 2003 e o início de 2004, Milton Temer, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, oriundos do antigo PCB, deixaram o partido.

<sup>20</sup> Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira nasceu em Salvador, em 30/12/1935. Professor universitário, cientista político e historiador, é especialista em política exterior brasileira e suas relações internacionais, principalmente com a Argentina e os Estados Unidos. Perseguido no pós-1964, caiu na clandestinidade e posteriormente foi preso. Em 1973, retomou sua atividade acadêmica e passou a lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Era Assistente do ex-Governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola quando ele foi expulso do Uruguai, em 1977, e foi para os Estados Unidos. Moniz Bandeira promoveu para ele os contatos com os dirigentes da socialdemocracia europeia, entre os quais Mário Soares, François Mitterrand e Willy Brandt.

Entre 1981 e 1982, foi pesquisador associado de projeto sobre cooperação e conflito na Bacia do Prata, dirigido pelo professor Dieter Nohlen, do Institut für Politische Wissenschaft (Instituto de Ciência Política) da Universidade de Heidelberg, onde passou alguns meses com uma bolsa do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) e conheceu Margot Elisabeth Bender, de nacionalidade alemã, com quem se casou e tem um filho, Egas.

Com a eleição de Leonel Brizola para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, Moniz Bandeira foi nomeado Diretor-Superintendente do Instituto Estadual de Comunicação (INECOM) e da Rádio Roquette Pinto, órgãos do Estado, e passou a lecionar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Escola de Administração Pública do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, está radicado na cidade alemã de Heidelberg, onde é cônsul honorário do Brasil.

Recebido em 16/07/2015